



Psicologia & Sociedade

ISSN: 0102-7182

revistapsisoc@gmail.com

Associação Brasileira de Psicologia Social
Brasil

Rolnik, Suely

A INTELECTUAL ATORMENTADA

Psicologia & Sociedade, vol. 19, núm. 2, 2007, pp. 24-27

Associação Brasileira de Psicologia Social

Minas Gerais, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309326391010>

A MILITANTE

Para registrar como os encontros com Sílvia potencializavam para a vida e para a criação.

Os depoimentos de Suely Rolnik, Pedro Guareschi, Alberto Abib Andery, Iray Carone, Apoliana Regina Groff, Josiele Bené Lahorgue, Helerina Novo e Maria de Fátima Quintal ilustram traços que compunham o ser humano Sílvia Lane: a profissional, pesquisadora, professora, pioneira, renovadora, militante perseverante das causas sociais, sensível, receptiva ao outro, não separando razão de emoção, sempre guiada pela sua enorme capacidade intuitiva.

A INTELECTUAL ATORMENTADA

Suely Rolnik

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil

Voltei para o Brasil, em 1979, depois de dez anos de exílio na França. Quando saí do Brasil, eu fazia Ciências Sociais na USP, tinha acabado o primeiro ano. Na França continuei fazendo Sociologia e Antropologia pois este campo, na época, era atravessado por um movimento de elaboração crítica de questões que precisavam ser pensadas num plano macropolítico. Mas me fazia muita falta pensar a dimensão micropolítica da realidade, que engloba as políticas de subjetivação e de desejo as quais definem o lugar que se atribui ao outro, o tipo de relações sociais que se estabelece, os contornos de nosso imaginário, de nossos sonhos etc. e tal. Embora eu ainda não tivesse condições de articulá-lo teoricamente, eu tinha a convicção de que enquanto não se tocassem nesse plano, não se teria clareza a respeito do que está causando mal-estar, do que está sendo o ponto de tensão na vida individual e coletiva, seus focos de intolerável, e que necessitam ser enfrentados para que se operem verdadeiras mutações históricas. Na França esta indagação me levou a me aproximar por um lado da Filosofia, em busca de instrumentos conceituais para articular estas questões teoricamente, então fiz a Graduação de Filosofia em Vincennes, onde acompanhei por muitos anos as aulas de Deleuze, Lyotard, Chatelet, etc. A mesma indagação, por outro lado, me levou a me aproximar da Psicoterapia Institucional e da Análise Institucional, por intermédio do Guattari e da clínica de La Borde, em busca de instrumentos de intervenção efetiva nesta dimensão da realidade. Por conta disso, acabei fazendo graduação, mestrado e D.E.S.S de Psicologia em Paris VII. Para minha geração, aquela era uma época de combate ferrenho à política da subjetivação própria da família burguesa, com a qual não nos identificávamos absolutamente; e não se tratava de uma questão ideológica ou filosófica, era uma impossibilidade real de se identificar

com aquilo, de se estruturar segundo aqueles padrões. Então, fazia parte da luta da minha geração tentar criar uma outra forma de viver, outra política de desejo. Este lugar entre a Sociologia, uma certa Filosofia e uma certa Psicologia me permitia dar conta, pelo menos um pouco mais, destes processos que me apaixonavam e me desesperavam ao mesmo tempo.

Alguns anos depois, no final dos anos 70, senti que dava para voltar para o Brasil, não só porque o Brasil estava no início de um processo de abertura, mas porque eu própria já tinha tratado suficientemente minhas feridas do trauma da ditadura. Trabalho desde os 17 anos e para mim trabalhar é fundamental, não só pela autonomia de sobrevivência, mas também para estar participando da construção da realidade, ouvindo, aprendendo, fazendo. Então assim que cheguei aqui fui procurar me situar no campo com o qual eu estava envolvida e logo me juntei com pessoas que estavam preocupadas com os rumos da Psicologia e da Psiquiatria, vinculando-as ao político, ao social e ao histórico. E assim começamos um núcleo no Sedes, que por um tempo funcionou como pólo de aglutinação. Em meus anos de Paris, eu tinha estado intensamente envolvida com as lutas em psiquiatria, que agitavam a Europa naquela década. Fiz parte da fundação de um movimento amplo – inicialmente europeu, mas que depois se expandiu para outros continentes –, que se chamava Rede Internacional de Alternativas da Psiquiatria. Congregavam-se ali todas as distintas experiências clínicas e teóricas de tentativas de mudanças nesse campo, de luta contra o conservadorismo da psiquiatria, da psicologia e inclusive da psicanálise (ou melhor, de uma certa psicanálise e, sobretudo, de suas instituições). Também fui logo procurar um lugar para dar aula, pois na França, nos últimos anos antes de voltar ao Brasil, eu estava dando aula de Análise e

Psicoterapia institucional numa faculdade de enfermagem específica para hospital psiquiátrico (o que não existe aqui). Fui à PUC para saber se havia alguma possibilidade ali.

E assim chegamos enfim à Sílvia Lane. Na PUC, entrei em contato com esta pessoa que eu não conhecia e que nunca tinha ouvido falar de mim. Eu era uma espécie de ET porque estava chegando depois de dez anos de exílio na França pós-68, estava a léguas de distância do que era uma moça daquela idade no Brasil naquele momento, e também do que era uma psicóloga no Brasil naquele momento, etc. e tal. Enfim, um verdadeiro ET em relação àquilo com o que Sílvia estava habituada a conviver. Ora, mesmo assim, Sílvia imediatamente estabeleceu comigo uma relação de confiança; ela percebeu que a minha procura, meu envolvimento, eram sinceros, movidos por um desejo real e, nesse sentido, muito sérios, embora isso não tenha nada a ver com a seriedade acadêmica. Aliás, estas posturas costumam ser opostas, porque você tem que ser muito impertinente no trabalho teórico para tentar elaborar minimamente aquilo que está te incomodando e de que você precisa dar conta, e isso, muitas vezes, entra em choque com os padrões mais compartilhados e considerados adequados. Isto tende a fazer também de você uma pessoa impertinente, solitária. Sílvia acolheu esta postura, provavelmente porque sentiu que ali haviam coisas que reverberavam com aquilo que ela estava buscando. Então, esse é um primeiro ponto que eu acho notável na Sílvia: essa confiança a partir de um dado de intuição, porque meu nome não era nada, eu não tinha passado nenhum com a Psicologia aqui, ninguém me conhecia, eu tinha saído do Brasil totalmente destruída depois de uma prisão. Eu havia sido presa como mais seis amigos (como tantos outros de minha geração envolvidos com a contracultura), só que nós tivemos o azar de sermos usados para uma campanha da polícia federal na mídia contra o movimento contracultural, que implicou na construção de uma imagem de nós todos e da vida experimental que levávamos, amplamente divulgada, que nos desqualificava inteiramente. Eu saí do Brasil arrasada. Quando voltei, ela confiou no que me movia e batalhou para eu ser contratada pelo pós-graduação da PUC, sem sequer esperar pelo menos um tempo para ver como eu funcionaria ali. Naquela época, a Psicologia social estava se separando da Psicologia clínica, que até então eram juntas no pós. Ela contatou a Rosa Macedo, que estava constituindo o pós de clínica, para eu ter mais de dez horas de contrato. Neste sentido, também devo muito à Rosa. São as duas pessoas que me receberam em minha volta ao Brasil, que era uma volta extremamente frágil, por tudo o que eu tinha vivido aqui. Eu não sabia como ia ser retomar minha vida no Brasil, embora eu tivesse conquistado muita coisa na França e

curado parte de minha ferida. As duas me acolheram juntas, conseguiram que eu tivesse logo de início um contrato de vinte horas, se não me falha a memória, e por um bom tempo eu atuei nos dois programas.

O que tenho a dizer sobre a Sílvia é limitado por minha ignorância do que ela era antes de eu tê-la conhecido, do que era o panorama da história da Psicologia no Brasil, porque entrei neste campo já na França. Caí direto no pós da PUC, e a Sílvia, pelo que eu entendi na época, era alguém de esquerda como eu e que também tinha essa convicção de que ser de esquerda implica considerar a dimensão psíquica das mudanças sociais que se fazem necessárias e é essa necessidade o que a motivava a fazer Psicologia. Usando a linguagem da época, tratava-se de pensar a relação entre revolução e subjetividade, revolução e desejo, política e subjetividade, política e desejo, história e subjetividade, história e desejo, etc. As referências da Sílvia eram as que ela pôde ter com sua formação marxista. Seu universo era, principalmente, o dos psicólogos russos, que tinham pensado tais questões, com todas as vantagens e limitações do pouco lugar que estas tiveram na revolução russa a partir de um certo momento. No início do movimento revolucionário, tanto a arte como esse tipo de questão tinham muito espaço, e muitas coisas interessantes foram pensadas, mas sabemos, que rapidamente tudo o que diz respeito à arte, à cultura e à subjetividade foi massacrado pelo stalinismo. Então, eram essas as referências que ela tinha, e foram essas as referências que ela estudou e transmitiu. Ela formou gerações e gerações de psicólogas, que eram mocinhas que faziam Psicologia e que, na PUC, em geral, eram de uma classe média para alta, totalmente despolitizadas. Sílvia educou várias gerações destas mocinhas e as ajudou a virarem gente.

Minhas referências eram outras; eu vinha de uma experiência na França em que o uso do marxismo para pensar o psicológico, ou os arremedos de mistura entre o marxismo e o freudismo já tinham sido feitos por vários franceses. O momento que eu vivi lá já não era esse: ao invés de somar Marx e Freud, tentava-se criar outras teorias da subjetividade que já tinham digerido criticamente ambos, assim como tudo o que os freudianos e marxistas trabalharam depois, para construir outra coisa. Além disso, era o momento pós-68 e uma das características específicas do movimento de 68 na França foi justamente o de tentar juntar contracultura e ativismo, o que implicava trabalhar teoricamente a articulação entre micro e macropolítica. O momento já era o de um pós-marxismo-freudismo, e além do mais, a década de 70 é quando o neo-liberalismo estava se instalando na França, e este capitalismo pós-industrial coloca questões fundamentais para quem trabalha com subjetividade. É que uma das

principais características deste regime, como sabemos, é a instrumentalização que opera exatamente das forças subjetivas, principalmente das forças de criação e de conhecimento. E as questões que se estavam trabalhando lá tinham a ver com isso, enquanto que as questões que se estavam trabalhando aqui eram as da luta pela democratização, numa sociedade de capitalismo industrial sob ditadura militar. Então, acredito que para a realidade daqui, o que tinha sido trabalhado na Psicologia de tradição marxista se encaixava bem. Embora eu não conhecesse nada da bibliografia de Psicologia marxista, eu intuía que a realidade para a qual esta Psicologia havia sido pensada tinha pontos de semelhança com a do Brasil daquela época; enquanto que a realidade na qual eu desenvolvi meu aprendizado em Psicologia e as questões que se colocavam para mim na França nos anos 70, já eram outras. Então Sílvia e eu não chegamos a ter uma troca em termos de trabalho teórico, mas eu sempre respeitei muito na Sílvia essa generosidade de se abrir para alguém que você sequer conhece, só por sentir que o que este alguém traz poderá contribuir para a coletividade na qual você está agindo, sem medo de rivalidade, ou medo de encrencas ou medo de sei lá o quê... Ela não tinha nem uma gota desse tipo de egoísmo narcísico, mas sim uma espécie de relação de amor pelo que fazia e pela coletividade onde estava agindo, que seria a coletividade dos psicólogos, para a qual você considera que certas idéias, e principalmente posturas, devem ser transmitidas. Então você passa por cima até do medo de rivalidade, quando você tem a impressão que este alguém vai trazer algo que precisa ser trazido. Ora, este tipo de gente com este tipo de valor é muito raro hoje em dia – cada vez mais raro, aliás – e, por isso, penso que esta qualidade da Sílvia tem que estar registrada no número da revista Psicologia & Sociedade que a está homenageando. E outra coisa importante é todo esse caminho fantástico que ela abriu na Psicologia e que deu muitos frutos: daí nasceu a ABRAPSO, nasceu toda uma geração de pessoas que passaram a pensar politicamente a psicologia, o que, que eu saiba, não existia aqui até então. De um lado, devia existir a psicologia norte-americana despoliticizada e teoricamente rala e, de outro, os marxistas que consideravam irrelevantes as questões relativas à subjetividade, “coisa de burguês”, como se dizia na época. Talvez existissem dois ou três gatos pingados preocupados com isso, totalmente isolados e solitários...

Durante um bom tempo eu permaneci mais na Psicologia social do que na clínica, porque eu encontrava ali mais ressonâncias com o tipo de questões que me interessava trabalhar. Mas a partir de um certo momento, não saberia dizer por que, eu fui sentindo que era mais na clínica que havia um terreno para trabalhar essas ques-

tões e, assim, sem programar, fui naturalmente ficando mais do lado da clínica. Mesmo assim, minha tese de doutorado com a Marilena Chauí como orientadora, eu a fiz na Psicologia social (tive que fazer uma tese, pois esta foi uma exigência da USP para revalidar meu pós francês, do qual ela só considerou os créditos). Além do mais, foi em Psicologia social que me departamentalizei e fiz o concurso para professor titular. Então, a Sílvia e a Psicologia social da PUC para mim são um elemento fundamental daquilo que me permitiu elaborar a volta para o Brasil e construir um território aqui, o que talvez teria sido impossível ou no mínimo teria demorado muito mais se não tivesse encontrado uma Sílvia na minha frente. Eu só fico bem quando estou a mil por hora trabalhando e ela me proporcionou esta possibilidade assim que cheguei. A volta para o Brasil não era nada fácil, havia toda a memória da ferida que me fragilizava, e Sílvia me ofereceu um território e eu investi esse território com muita paixão. Por um bom tempo meu campo exclusivo de investimento foi o pós da PUC, e até hoje ele ocupa um lugar muito especial em meu trabalho. Gosto muito do trabalho que desenvolvemos no Pós, hoje em dia na Psicologia clínica, a liberdade de pensamento que a PUC proporciona e que eu posso proporcionar para os alunos. De uns dez anos para cá, tive o privilégio de poder trabalhar em muitos países, de participar de muitos contextos de investigação que trabalham as questões que me interessam. Viajo muito e produzo muito em função desses intercâmbios e das questões que me pedem para apresentar. Nos diálogos que estas viagens me proporcionam vou ampliando e tornando mais precisas as questões que estou trabalhando. Quando volto, evidentemente, trago estas discussões para meu seminário no pós e as retomamos em função do que cada aluno está trabalhando em suas respectivas dissertações e teses. Este é um momento essencial do trabalho e sou grata à Sílvia pois ela está na origem desse território que me é tão essencial. Na verdade, fomos nos afastando depois daqueles primeiros anos; não por ter havido algum desacordo, mas porque eu investi aos poucos mais no lado da clínica. Há vários professores da Psicologia social com quem trabalhei na época, que aprecio muito até hoje, embora a gente pouco se encontre. Na PUC, acabamos vendo só aqueles com quem trabalhamos mais diretamente. É como se tivesse uma família por ali, aquela família que não dá tempo de você encontrar, mas você sabe que está por ali e faz diferença.

Uma última coisa que eu poderia dizer sobre a Sílvia é a imagem que me fica dela: uma pessoa absolutamente não careta, coisa que na geração dela era um tanto raro, inclusive no âmbito do protestantismo de esquerda do qual ela vinha. Ela não se encaixava em nenhum estere-

ótipo, e era muito difícil para uma mulher da geração dela não ter vergonha nenhuma de não ser aquela mãe de família, segundo um certo modelo, ou aquela militante de esquerda cristã, segundo um certo modelo. Ela era muito mais atormentada do que isso, e eu gostava muito do tormento dela. Ela era inteiramente aberta para o outro, para a diferença. E isso, talvez, seja um dos pontos mais fundamentais a ser transmitido para quem faz Psicologia, ou a ser trabalhado nas pessoas que se submetem a tratamento clínico, porque isso era muito travado na política de subjetivação dominante, e só foi se agravando com a instalação do neo-liberalismo que começou naquela época. Sílvia tinha essa qualidade.

Só queria terminar dizendo que espero que a Sílvia esteja descansando no céu, porque ela merece.

Suely Rolnik é formada em Sociologia; mestre em Psicologia Clínica; doutora em Psicologia Social. Professora Titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Endereço para correspondência: PUC-SP, Rua Monte Alegre, 984, São Paulo, SP, 05014-001. suelyrolnik@uol.com.br